

ESCAVAÇÃO DA MAMOA DE « MONTE MANINHO » (SERRA DA ABOBOREIRA — BAIÃO)

POR

Domingos J. da Cruz (*)

1. Introdução

A Mamoa de «Monte Maninho» situa-se na Serra da Aboboreira ⁽¹⁾, na sua área SO, fazendo parte de um pequeno grupo de monumentos recentemente identificados em vários trabalhos de prospecção ⁽²⁾.

Esta zona da Serra compreende uma série de chãs, de dimensão limitada, que se estendem, gradualmente, desde o v.g. da Abogalheira (960 m) até aos pequenos relevos de Ventosa (568 m) e Carvalhal (517 m), acima da curva de nível dos 600 metros.

(*) Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras de Coimbra.

(1) A Serra da Aboboreira é um dos maciços contrafortantes do sector ocidental da Serra do Marão, desenvolvendo-se, ao longo de cerca de 10 km, segundo a direcção NE-SO; é delimitada pelos vales dos rios Fornelo, a NE, Ovil a Sul e a SE, Ovelha, a NO e, a SO, pelos vales do rio Juncal-Galinhas e da ribeira da Roupeira, afluentes do Ovelha e Douro, respectivamente.

(2) A primeira indicação de estações pré-históricas nesta área da Serra ficou a dever-se ao Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto que, no Verão de 1980, alertou a equipa de arqueólogos, que então trabalhava em várias estações da região, para a existência de um monumento megalítico situado na margem Norte do caminho carreteiro Lavra-Mesquinhata. A deslocação ao local permitiu a identificação, na Lavra, de duas «fossas» abertas no saibro, cortadas pela estrada municipal n.º 582 (Lavra-Ponte do Gove), então há pouco construída, que foram escavadas, ainda nesse ano (Cfr. JORGE, V. O., *et alii*, *Novas fossas abertas no saibro da área da Serra da Aboboreira (concelhos de Baião e Marco de Canaveses)*, «Trabalhos do G.E.A.P.», n.º 5, Porto, G.E.A.P., 1980). A prossecução das investigações neste sítio, conduzidas pela Dr.^a Maria de Jesus Sanches, revelou a existência de um interessante povoado pré-histórico, e as prospecções desenvolvidas, em 1982 e anos seguintes, pelo autor, levaram à localização de um conjunto importante de estações pré e proto-históricas nesta área da Serra.

Trata-se de uma área periférica da Serra da Aboboreira, delimitada pelas depressões dos rios Juncal e de Galinhas, afluentes do rio Ovelha e que correm no sentido SSE-NNO, e da ribeira da Roupeira, que se dirige para o rio Douro, segundo a direcção NO-SE, juntando-se-lhe, não muito longe da foz do rio Ovil, nas proximidades da povoação de Portela.



Fig. 1 — Localização da Mamoia de «Monte Maninho»
(C.M.P., 1:25000, fl. 125-Baião).

O monumento a que este texto se refere implanta-se na chã que se desenvolve entre o «Alto de Espinho» (v.g. de Salgueiro, 652 m) ⁽³⁾ e os outeiros já referidos, de Ventosa e Carvalhal, no sítio de «Monte Maninho», a 10 metros, para Sul, do velho caminho carreteiro que liga as povoações da Lavra e Mesquinhata ⁽⁴⁾,

Pertence ao distrito do Porto, concelho de Baião e freguesia de Grilo (anexa à de Ponte de Gove), e tem as seguintes coordenadas geográficas (seg. a *Carta Militar de Portugal*, esc. de 1:25000 fl. 125-Baião, 1984):

Latitude — 41° 08' 34" Norte

Longitude — 01° 02' 54" Este de Lisboa

Altitude — 615,78 m (ponto central).

2. Metodologia dos trabalhos de escavação

A escavação deste monumento megalítico foi realizada durante o mês de Agosto de 1986 ⁽⁵⁾ e obedeceu à metodologia que vem sendo aplicada, neste tipo de estações, no *Campo Arqueológico da Serra de Aboboreira* ⁽⁶⁾.

Após o corte da vegetação, de tipo rasteiro, que cobria a mamoa, e os registos fotográficos do seu aspecto inicial, procedeu-se à quadriculagem do terreno, ficando o monumento inserido num rectângulo de 18 × 16 metros.

⁽³⁾ Seg. a *Carta Militar de Portugal*, esc. de 1:25000, fl. 125-Baião, 1984.

⁽⁴⁾ Este caminho carreteiro, que em «Outeiro de Espinho» se bifurca, dirigindo-se para Soalhães, foi recentemente seccionado e, de certo modo, desactivado, com a construção da estrada municipal que liga a povoação da Lavra (junto à estrada nacional n.º 321-1) às povoações de Grilo e de Ponte de Gove.

⁽⁵⁾ Nestes trabalhos participaram os seguintes estudantes universitários: Majella Egan, Stephanie Moser, Fatima Maria Lacoba, Catherine Roberts (Universidade de Sidney), Angela Wyhitworth (Universidade de Londres) e Isaura Maia e Teresa Alcobia (Universidade do Porto), cuja colaboração agradecemos. Uma palavra especial é devida a Maria Ester Varzim de Miranda, Lic.^a em História e prof.^a do Ensino Secundário, Eduardo Beirão Reis, Eng.^o-civil, e José Carlos Tinoco, estudante de Arquitectura, cujo apoio e colaboração mais directa foi preciosa. A escavação deste monumento foi possível com o apoio, logístico e económico, da Câmara Municipal de Baião e do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, entidades que patrocinam o «Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira», coordenado pelo Doutor Vítor Oliveira Jorge, da Faculdade de Letras do Porto.

⁽⁶⁾ Sobre a metodologia de escavação de monumentos megalíticos veja-se, sobretudo, JORGE, V. O., *Escavação de um túmulo megalítico: problemas metodológicos, Setúbal Arqueológica*, IV, 1978, pp. 241-254, além dos numerosos trabalhos, já publicados, versando a escavação de monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira.

O levantamento topográfico do monumento (7), como da área envolvente, foi executado com um teodolito de segundos e um nível horizontal, a partir de um ponto convencional, de cota zero, localizado num pilar do muro de pedra vã que se desenvolve ao longo da cumeeada da chã. Este ponto foi, posteriormente, integrado na rede geral (ponto convencional = 616,67 m), apresentando-se, deste modo, os resultados destes trabalhos em cotas absolutas.

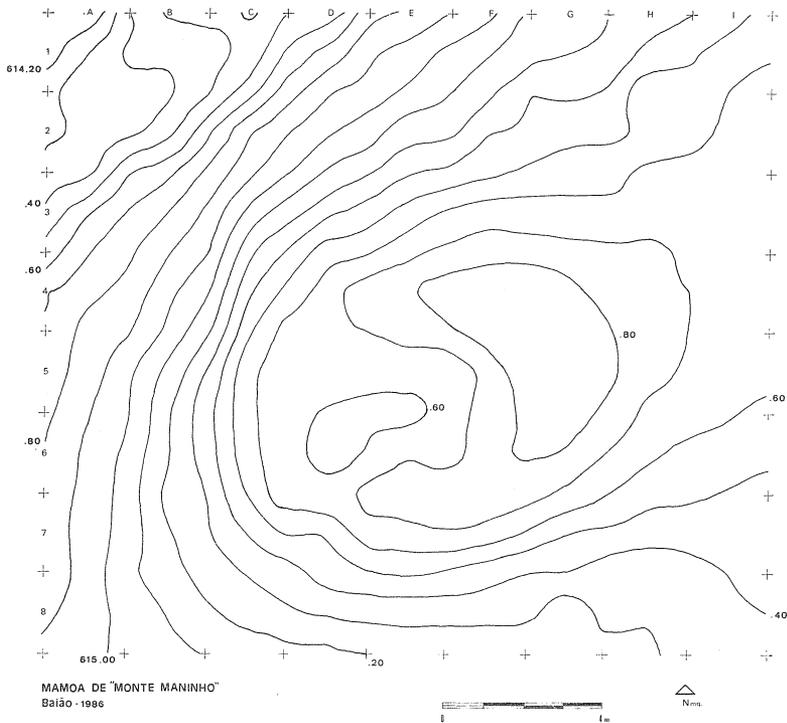


Fig. 2 — Levantamento topográfico do monumento, antes dos trabalhos de decapagem. Equidistância das curvas de nível: 20 cm.

O estudo do monumento foi iniciado com a abertura de quatro valas de sondagem (Fig. 4), interceptando-se na sua área central. A decapagem superficial e, numa segunda fase, a escavação dos quadrados destas sanjas permitiu a definição da estrutura pétrea de cobertura da mamoa e a

(7) Os trabalhos de levantamento topográfico foram realizados por Eduardo Beirão Reis, Eng.º-civil, cuja colaboração muito agradecemos.

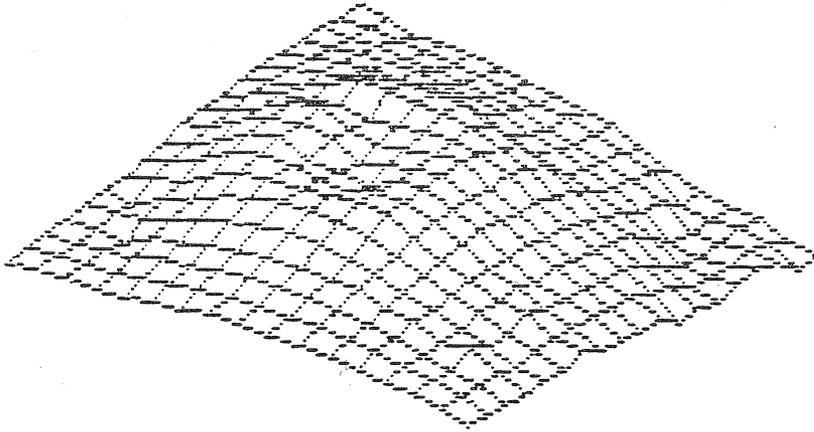


Fig. 3 — Vista axonométrica da Mamoa de «Monte Maninho», realizada a partir do levantamento topográfico inicial (obs. de NE). Programa informático, em linguagem Basic, concebido pelo Dr. Manuel João Abrunhosa, da Faculdade de Ciências do Porto.

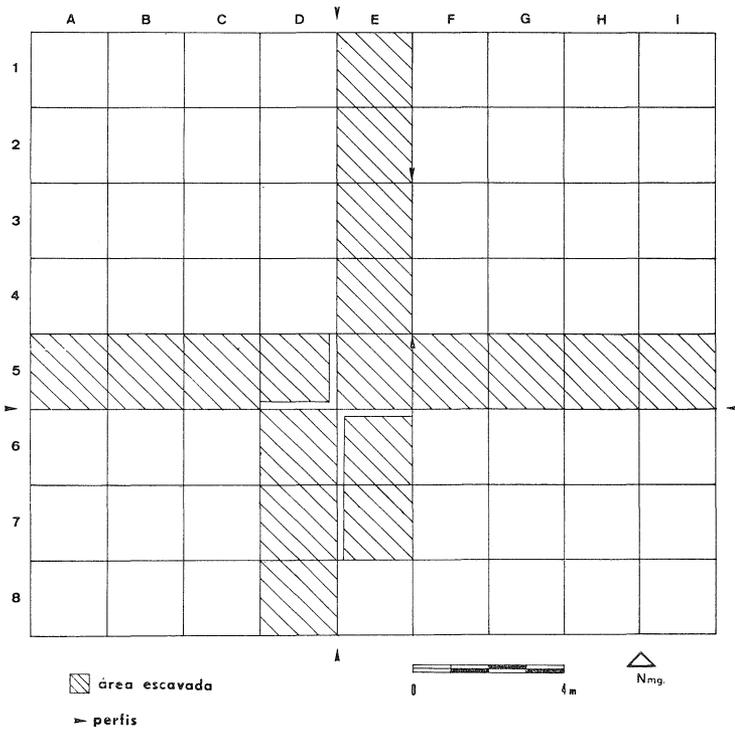


Fig. 4 — Plano da escavação.

obtenção de perfis longitudinais, que foram registados fotograficamente, e por desenho, à escala de 1:20.

O evoluir dos trabalhos tornou, contudo, necessária a escavação dos quadrados E6 e E7, com o objectivo de se precisar a área de implantação da câmara funerária.

3. A escavação

3.1. A estrutura pétreo de revestimento

A decapagem superficial do monumento, efectuada nas quatro sanjas referidas, revelou a existência de uma «couraça» pétreo, que cobria as terras do *tumulus* (Fig. 5), bem conservada nas zonas Oeste e Norte

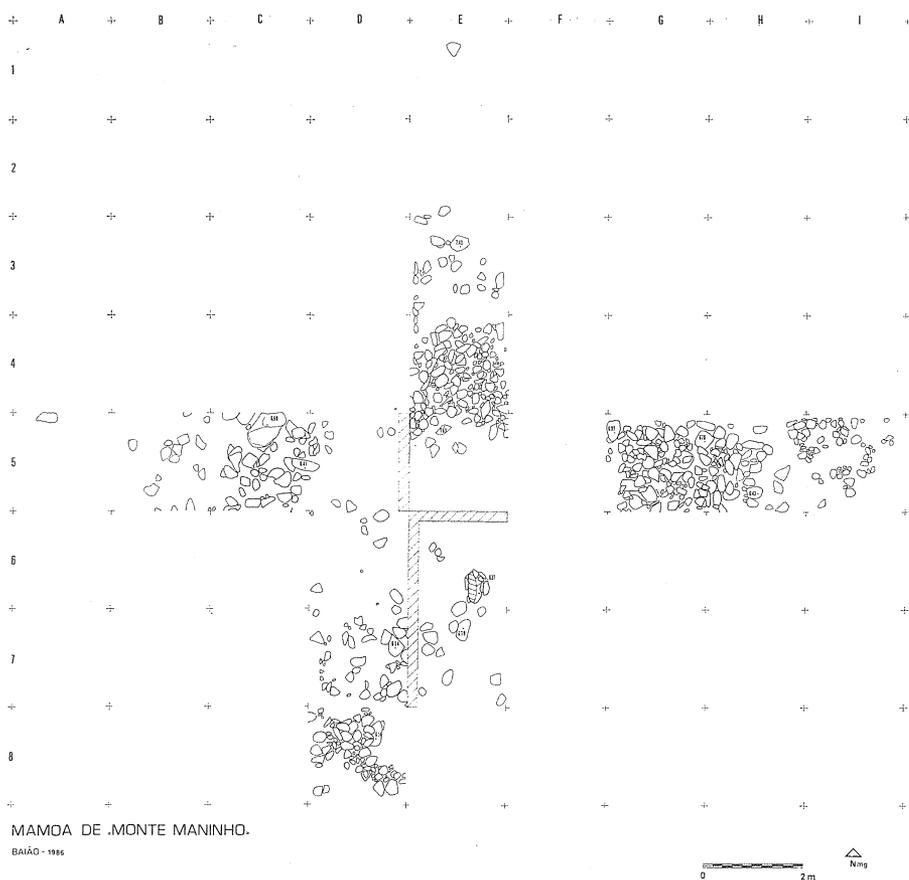


Fig. 5 — Planta do monumento, após a decapagem superficial. No quadrado E6 encontra-se representado o único esteio da câmara detectado.

(Est. II-1), particularmente na periferia da mamoa, onde este revestimento superficial se adensava e era construído com pedras de maior dimensão, colocadas de «cutelo» (Est. II-2 e Fig. 8).

Na sanja Sul esta estrutura mostrava-se mais destruída, quase não existindo na área central da mamoa, por acção dos frequentes remeximentos que o monumento sofreu ao longo do tempo. Aliás, é nestas zonas que a identificação do antigo «solo» do sítio se torna impossível ou apresenta maiores dificuldades.

Os trabalhos de decapagem superficial permitiram definir as dimensões reais do *tumulus*: planta de contorno ovalar, com cerca de 10 metros, no sentido N-S, e 9 metros, no sentido oposto.

3.2. A área da câmara funerária

A área da câmara apresentava-se profundamente remexida, situação que era observável, mesmo antes da escavação, pela cratera de violação existente neste sector do monumento.

A escavação do quadrado E6 permitiu a identificação de um esteio da câmara funerária, fragmentado pela base, mas *in situ*, apresentando-se escorado com pequenas pedras, quer no exterior, como interiormente (Est. III-2). O quadrado E7 foi também escavado, com o objectivo de se definirem outros esteios, mas sem resultados.

A existência de um único esteio, associado ao facto destes elementos megalíticos, que constituíam a câmara, assentarem directamente no solo de base, e não em buracos abertos no saibro, impossibilitou a determinação da planta da câmara funerária.

Contudo, considerando a altura da mamoa, a posição (e inclinação) do esteio referido, e a inexistência de um verdadeiro «contraforte», pois este reduzia-se a uma base de sustentação, feita com pedras não muito grandes, tratar-se-ia de uma câmara funerária de pequenas dimensões, baixa, surgindo, relativamente à mamoa, descentrada, com um desvio para SE, desenvolvendo-se nos quadrados E6 e D6 e, talvez, ainda nos quadrados E5 e D5.

3.3. A estratigrafia

O monumento, apesar do seu estado de conservação, revelou, nas áreas melhor conservadas, a estratigrafia seguinte (Figs. 6, 7 e 8):

nível 1 — terras húmusas superficiais, castanho-acinzentadas, com abundantes raízes e elementos grosseiros;

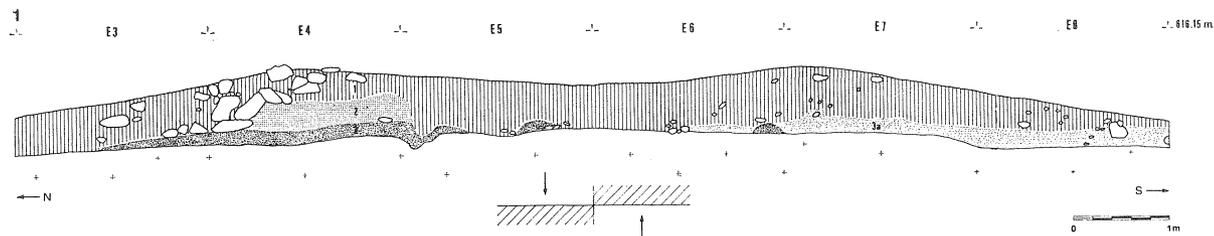


Fig. 6 — Perfil N-S (parede Oeste). 1 — terra vegetal; 2 — terra *in situ* do tumulus; 3 — «solo» antigo enterrado; 3a — *idem*, mas misturado com as terras do tumulus. Observe-se, no quadrado E4, a estrutura pétre de revestimento da mamoa que, na periferia do monumento, assentava sobre o «solo» antigo enterrado. As amostragens de terras e de elementos vegetais incarbonizados (por flutuação) foram feitas no quadrado E4.

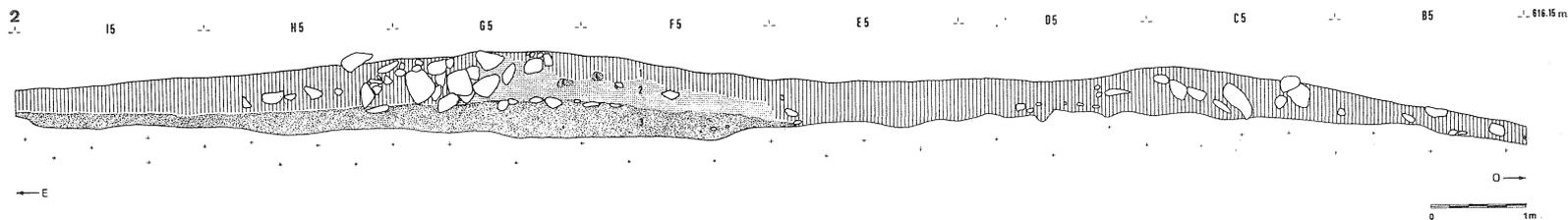


Fig. 7 — Perfil E-O. 1 — terra vegetal; 2 — terra *in situ* do tumulus; 3 — «solo» antigo enterrado; L — tocas de animais. No sector leste, o «solo» antigo enterrado, subjacente ao monumento, apresentava-se separado das terras do tumulus por uma fiada de pequenas pedras e cascalho. As amostragens de terras e de elementos vegetais incarbonizados (por flutuação) foram feitas no quadrado F5.

- nível 2 — terras *in situ* do *tumulus*, acastanhadas, com raízes, médias e finas, e alguns elementos grosseiros;
 nível 3 — terras do «solo» ⁽⁸⁾ antigo enterrado, amareladas, muito granulosas e compactas.

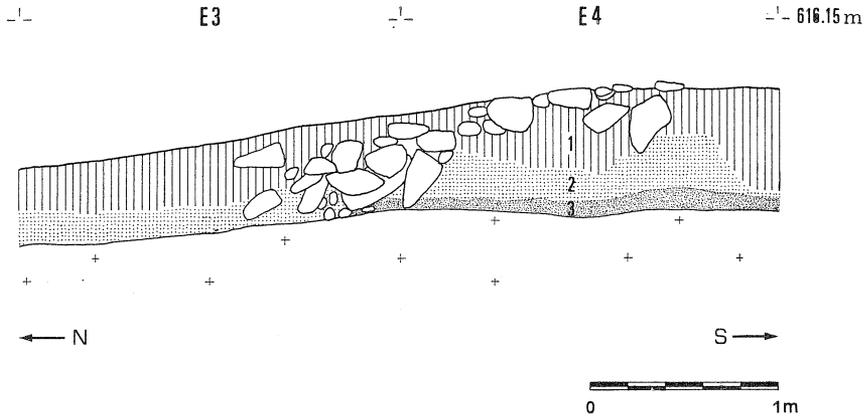


Fig. 8 — Perfil N-S (parede Este). 1—terra vegetal; 2—terra *in situ* do *tumulus*; 3—«solo» antigo enterrado. Observe-se a estrutura pétreo de revestimento da mamoa que, na periferia do monumento, se adensava.

Esta sequência estratigráfica é bem visível no perfil N-S (sanja Norte) e, particularmente, no perfil E-O (sanja Este); aliás, neste último perfil, e neste sector, o «solo» antigo enterrado apresentava-se individualizado das terras do *tumulus* por uma linha de pequenos fragmentos de granito alterado.

No sector Oeste do perfil E-O não foi possível, devido aos remeximentos e à pequena possança de terras, a identificação quer das terras do *tumulus*, como do «solo» de base (Fig. 6); no perfil N-S (sanja Sul), as terras do nível 3 mostravam-se, em algumas zonas, diluídas nas terras do *tumulus* (nível 2).

⁽⁸⁾ Ao longo deste texto será utilizada a expressão «solo», que deve ser entendida não no sentido verdadeiramente pedológico (Cfr. BOTELHO DA COSTA, Joaquim, *Caracterização e constituição do solo*, 3.^a ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985), mas, apenas, no de **vestígios** de um solo. De facto, o estudo das terras subjacentes a alguns monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira não tem comprovado a existência de solos fossilizados, com os seus diversos horizontes, como são definidos em Pedologia (Cfr. RICARDO, R. Pinto, MADEIRA, A. V., *Informação pedológica acerca da Mamoa do «Monte da Olheira» (Serra da Aboboreira — Baião)*, *Arqueologia*, 13, Porto, 1986, pp. 140-143; *id.*, *Considerações de índole pedológica acerca da Mamoa 1 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira — Baião)*, *Arqueologia*, 17, Porto, 1988, pp. 179-189).

4. Espólio

4.1. Cerâmico

4.1.1. Três fragmentos, decorados:

- n.º 4 — Localização: D8 (decapagem superficial; sobre a «couraça» pétrea);
dimensões: alt. — 18 mm; larg. — 15 mm; esp. — 7 mm.
- n.º 5 — Localização: D8 (peneiração; terras da decapagem superficial; sobre a «couraça» pétrea);
dimensões: alt. — 15 mm; larg. — 23 mm; esp. — 7 mm.
- n.º 6 — Localização: D8 (decapagem superficial; sobre a «couraça» pétrea);
dimensões: alt. — 23 mm; larg. — 30 mm; esp. — 6 mm.

Pasta de textura friável, desengordurante constituído por grãos de quartzo, de calibre médio ⁽⁹⁾ e pequenas palhetas de mica (< 0,5 mm). Cor das superfícies desigual: castanho-clara, na superfície exterior, e cinzento-escura, na interior; fracturas de cor acinzentada.

Decoração organizada segundo três linhas paralelas, horizontais, obtidas com matriz múltipla, alternando com uma banda preenchida por pequenos triângulos desencontrados, feitos com punção, por pressão oblíqua (Fig. 9-1; Est. IV-1).

Os fragmentos n.ºs 4 e 5 apresentam-se muito erosionados, embora sejam identificáveis, no primeiro, 3 puncionamentos ovulares e, no segundo, 3 linhas paralelas.

Estes três fragmentos que, provavelmente, terão pertencido ao mesmo vaso, mostram uma organização decorativa não muito comum em cerâmicas pré-históricas do Norte de Portugal e da Galiza, traduzindo, no âmbito do vaso campaniforme, a adopção pelas populações locais de modelos decorativos exteriores.

4.1.2. Três fragmentos, não decorados:

- n.º 9 — Localização: D8 (peneiração; terras da decapagem superficial);
dimensões: alt. — 25 mm; larg. — 17 mm; esp. — 6 mm.

⁽⁹⁾ O calibre dos elementos não plásticos (e.n.p.) foi dividido em três categorias: fino (< 0,5 mm), médio ($\geq 0,5$ a 1 mm) e grande (≥ 1 mm).

- n.º 10 — Localização: quadrado E6 (x = 018; y = 020; z = 053);
«solo» antigo enterrado;
dimensões: alt. — 16 mm; larg. — 25 mm; esp. — 5 mm.
- n.º 11 — Localização (peneiração; decapagem superficial);
dimensões: alt. — 22 mm; larg. — 18 mm; esp. — 6 mm.

Estes três fragmentos cerâmicos apresentam as mesmas características físicas dos anteriormente descritos; superfícies muito alteradas pela erosão.

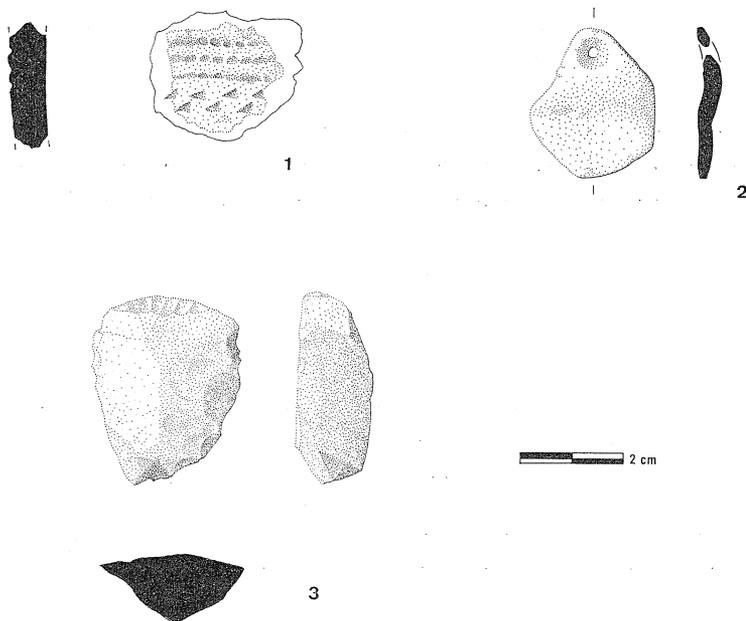


Fig. 9 — 1—Fragmento de vaso (n.º 6) com decoração de tipo campaniforme; 2—Pendente, em variscite, exumado ao nível do «solo» antigo enterrado na área da câmara; 3—raspadeira, em quartzo (Des. de Luís Madeira do S.R.A.Z.C.).

4.1.3. Um fragmento, não decorado:

- n.º 3 — Localização: C5 (decapagem superficial; sobre a «couraça»
pétrea);
dimensões: alt. — 35 mm; larg. — 45 mm; esp. — 8-12 mm.

Pasta compacta, desengordurante constituído por grãos de quartzo, de grande calibre, e palhetas de mica (< 0,5 mm). Cor castanho-clara, nas superfícies exterior e interior, e alaranjada, nas fracturas.

4.1.4. Dois fragmentos, não decorados, pertencentes ao mesmo vaso e feitos com roda de oleiro. Cerâmica de cariz medieval.

n.º 1 — Localização: B5 (decapagem superficial; sobre a «couraça» pétrea). Fundo de vaso.

n.º 2 — Localização: A5 (decapagem superficial; sobre a «couraça» pétrea).

4.1.5. 2 fragmentos, não decorados.

n.ºs 7 e 8 — Localização: D5 (peneiração; decapagem superficial);
dimensões: alt. — 35 mm; larg. — 30 mm; esp. — 8 mm.

Pasta friável, desengordurante constituído por grãos de quartzo, palhetas de mica e fragmentos de feldspato, de calibre fino e médio. Cor castanho-clara, nas superfícies, e negra, nas fracturas. Superfícies interiores muito erodidas.

4.2. Lítico

4.2.1. Objecto de adorno.

Localização: E6 ($x=049$; $y=018$; $z=050$) ⁽¹⁰⁾; área da câmara, ao nível do «solo» antigo enterrado.

dimensões: alt. — 30 mm; larg. — 24 mm; esp. — 3 mm.

Pendente, em variscite ⁽¹¹⁾. Perfil sinuoso e contorno irregular. Superfícies com vestígios de polimento. Perfuração bicónica (Fig. 9-2 e Est. IV-2).

4.2.2. Raspadeira

Localização: E7 (peneiração; decapagem superficial);

dimensões: eixo longitudinal — 38 mm; eixo transversal — 29 mm; esp. — 14 mm.

Raspadeira carenada, frontal, sobre lasca de quartzo; extremidade preparada com retoques lamelares, subparalelos, contínuos (reavivamentos

⁽¹⁰⁾ As coordenadas x e y correspondem, em cada quadrado de 2 metros de lado, com o observador orientado a Norte, aos eixos da ordenada e da abcissa; z traduz a profundidade a que foi recolhida a amostra, medida a partir do nível superior da mamoa. Os valores são expressos em cm.

⁽¹¹⁾ A identificação da matéria-prima, por observação macroscópica, foi realizada pelo Dr. A. Huet de Bacelar Gonçalves, da Faculdade de Ciências do Porto.

localizados através de pequenos retoques directos); índice de carenagem espesso (Fig. 9-3).

5. Estudos paleoambientais

A Arqueologia pré-histórica é, cada vez mais, uma ciência interdisciplinar. Os documentos que utiliza não se resumem aos artefactos e às estruturas arqueológicas evidentes, mas também os que permitem a «reconstituição» do ambiente, animal e vegetal, em que o homem se inseriu.

Neste sentido, e com vista à obtenção de elementos que permitissem a definição da cobertura vegetal da Serra da Aboboreira e, muito particularmente, da sua área SO, foram realizadas, ainda que experimentalmente ⁽¹²⁾,

QUADRO I — Amostras de elementos vegetais incarbonizados recolhidos durante os trabalhos de escavação

N.º da amostra	Localização				Estratigrafia (nível)
	Quad.	Coordenadas (10)			
		x	y	z	
1	D6	185	035	045	3
2	E6	125	124	043	2
3	E6	160	108	042	2
4	D7	145	195	067	3
5	E6	180	115	048	2
6	F5	075	140	063	3
7	G5	020	050	078	3
8	F5	150	070	077	3
9	E7	170	160	074	3
10	E7	160	180	080	3
11	E7	160	140	080	3
12	E7	170	135	080	3
13	E6	150	120	076	3
14	F5	070	010	056	3
15	F5	065	010	050	3

(12) Não existem em Portugal laboratórios que apoiem a investigação arqueológica, sendo necessário recorrer a instituições estrangeiras que, ocupadas com os seus próprios projectos, nem sempre se mostram disponíveis para a execução deste tipo de estudos. Por este facto, as amostragens feitas neste monumento foram meramente experimentais, utilizando-se apenas cerca de 10 kg de sedimentos na recolha de elementos vegetais incarbonizados (Paleocarpologia e Antracologia).

amostragens de sedimentos (Pedologia e Palinologia) e de elementos vegetais incarbonizados (sementes, grãos e carvões), pelo processo de flutuação⁽¹³⁾, além das recolhas pontuais feitas no decurso da escavação.

Nestas recolhas seguiu-se a leitura estratigráfica. No perfil E-O (sanja Este), o nível 3 («solo» antigo enterrado) foi, contudo, subdividido em *a* (46-66 cm) e *b* (66-82 cm); o monumento apresentava nesta zona uma maior possança de terras.

QUADRO II — Amostragem de sedimentos e elementos vegetais incarbonizados

Nível	Descrição	Identificação das amostras					
		Perfil Norte-Sul			Perfil Este-Oeste		
		Pedologia	Palinologia	Antracologia e Paleocarpologia	Pedologia	Palinologia	Antracologia e Paleocarpologia
1	Terras humosas superficiais, castanho-acinzentadas, com abundantes raízes, médias e finas, e elementos grosseiros;	1	—	—	4	—	—
2	Terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i> , acastanhadas, com algumas raízes, médias e finas, e elementos grosseiros;	2	—	1	5	—	3
3	Terras do «solo» antigo enterrado, amareladas, muito compactas e com bastantes elementos grosseiros;	3	1	2	—	—	—
3a	<i>Id., idem</i> , terras do topo do «solo» antigo;	—	—	—	6	2	4
3b	<i>Id., idem</i> , terras da base do «solo», em contacto com a alterite granítica.	—	—	—	7	3	5

Obs.: As amostras antracológicas e paleocarpológicas foram obtidas pelo processo de flutuação, utilizando-se cerca de 10 kg de sedimentos e uma peneira com rede de malha de 1 mm; no perfil E-O, a subdivisão do nível 3 em *a* e *b* não tem carácter arqueológico: *a* corresponde às terras da parte superior do «solo» antigo enterrado, e *b* às terras em contacto com a alterite granítica (*vd.* Fig. 7).

(13) Sobre a metodologia a seguir na colheita de amostras, no domínio dos estudos paleoecológicos, veja-se, entre outros, SHACKLEY, Myra, *Environmental archaeology*, Londres, G. Allen & Union Unwin Ltd., 1981.

Estas amostras encontram-se em estudo mas uma análise preliminar dos elementos paleocarpológicos foi, entretanto, realizada pelo Sr. Eng.º A. R. Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional, que determinou a existência de cerca de 172 sementes, assim distribuídas:

«amostra n.º 1 — Cerca de 83 sementes esféricas, ca. de 0,6-1,2 mm de diâmetro, esponjoso-vacuolosas, com casca fina, rugulosa, quase baça, frágeis. Talvez de uma crucífera brava.

«amostra n.º 2 — 7 sementes semelhantes às da amostra 1, com 0,7-1 mm de diâmetro aproximadamente, subesféricas, por vezes «amolgadas». Depois de lavadas verificou-se serem finissimamente reticuladas e não apenas rugulosas e uma delas sublísa. Por fractura verificou-se serem negras, carbonáceas, compactas (sem porosidade como em 1) e quase baças. Talvez de crucíferas, talvez de leguminosas bravas.

«amostra n.º 3 — Cerca de 77 sementes idênticas às da amostra n.º 2 quanto ao diâmetro e superfície. Um corpúsculo prismático-rectangular é talvez mero artefacto: fragmento rolado de carvão.

«amostra n.º 4 — A hipótese de conter uma semente prismática não se confirmou.

«amostra n.º 5 — 5 sementes esféricas, de tamanhos diversos».

Acrescentando:

«Os grãos reticulados lembram sementes de *Cruciferae* enquanto os sublísis e divisíveis em cotilédones lembram os de certas espécies de *Leguminosae* (*Papilionaceae*). Em qualquer caso não são, julgo, de qualquer espécie tida por cultivada, mas antes de ervas espontâneas e destas nenhuma que tenha especial significado para caracterizar a flora ou o tipo de vegetação. Melhor, quanto me lembro, não correspondem a nenhuma espécie característica da vegetação climácica, mas antes a vegetação secundária e, mais provavelmente, pastagens.

...

Notável a ocorrência de grãos parasitados.» (14).

A maior parte das sementes provém das terras *in situ* do *tumulus* (terras deslocadas das imediações do monumento para a construção da

(14) Comunicação pessoal, em carta datada de 25 de Fevereiro de 1987. Expressamos ao Sr. Eng.º A. R. Pinto da Silva os nossos agradecimentos pela realização deste estudo, apesar das limitações, ao nível da aparelhagem óptica, e das dificuldades inerentes à identificação de grãos e sementes de pequenas dimensões.

mamoas) (amostras n.ºs 1 e 3). As amostras relativas ao «solo» antigo enterrado revelaram-se pouco ricas em material vegetal incarbonizado.

Ainda que preliminarmente, tornando-se necessário realizar outros estudos, nomeadamente palinológicos, os resultados obtidos no âmbito da Paleocarpologia são interessantes, apontando para a existência nesta área da Serra de um substrato herbáceo significativo. Mas, de facto, a caracterização do manto vegetal da Serra da Aboboreira, em tempos pré-históricos, passará pela recolha mais sistemática e significativa de amostras.

6. Datações de Carbono 14

A escavação do quadrado D7, ao nível do «solo» antigo enterrado ⁽¹⁵⁾, proporcionou a recolha de elevada quantidade de carvões (amostra n.º 4, *vd.* Quadro I), que foram remetidos, para datação pelo processo de Carbono 14, aos laboratórios das Universidades de Groningen (Holanda) e de Granada (Espanha) ⁽¹⁶⁾.

Os resultados dessas análises foram os seguintes:

Laboratório e n.º de identificação	Datação BP	Conversão a.C.	Calibração ⁽¹⁷⁾ AC
GrN-15569	5805 ± 40	3855 ± 40	4935-4500
CSIC-775	5680 ± 80	3730 ± 80	4850-4400

⁽¹⁵⁾ A problemática que os «solos» existentes na base dos monumentos megalíticos coloca é vasta, porquanto estes «solos» poderão ter sofrido uma destruição dos seus horizontes superficiais (*Vide* RICARDO, R. Pinto, MADEIRA, A. V., *op. cit.*, nota 8). Assim sendo, as amostras de carvões recolhidas no «paleossolo» destes monumentos poderão corresponder a níveis mais profundos, datando outros contextos, porventura não arqueológicos. Outras situações deverão ainda ser consideradas, nomeadamente a existência de vestígios de ocupações anteriores, o eventual revolvimento de terras provocado pelos construtores, etc.

⁽¹⁶⁾ Agradecemos aos Srs. Profs. G. W. Mook e Cecilio González Gómez, directores dos Laboratórios de Carbono 14 referidos no texto, a amabilidade de terem aceiteado realizar estas datações.

⁽¹⁷⁾ Seg. KLEIN, J., LERMANN, J. C., DAMON, P. E., RALPH, E. K., «Calibration» des dates «radiocarbone», *Revue d'Archéometrie* (supplément) Rennes, 1983, pp. 3-46.

Estes valores, utilizando-se um intervalo de confiança de 95,46 %, são estatisticamente semelhantes, situando-se na 1.^a metade do 4.^o milénio a.C. (datas convencionais radiocarbono) ou seja, 1.^a metade do 5.^o milénio AC (datas calibradas, seg. Klein *et alii*) (Figs. 10 e 11).

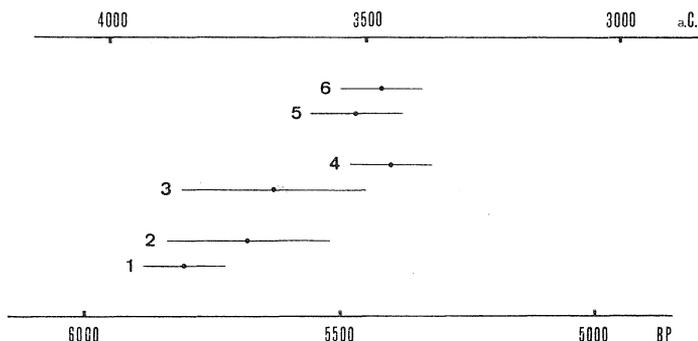


Fig. 10—Representação gráfica das datas convencionais radiocarbono dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira, referidas no texto, para um intervalo de confiança de 95,46 %. 1—Mamoa de «Monte Maninho» (GrN-15569); 2—*Idem* (CSIC-755); 3—Mamoa de «Monte da Olheira» (UGRA-287); 4—*Idem* (GrN-15331); 5—Mamoa 4 de «Chã de Parada» (ICEN-162); *Idem* (ICEN-169).

As datações da Mamoa de «Monte Maninho» integram-se no conjunto de determinações radiocarbónicas mais antigas da Serra da Aboboreira: Mamoa 3 de Cabritos (Gif-7020:6100 \pm 70 anos BP), Mamoa de «Monte da Olheira» (UGRA-287:5630 \pm 90 anos BP e GrN-15331:5400 \pm 40

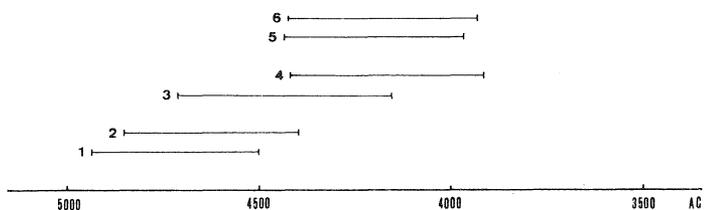


Fig. 11—Diagrama das datas radiocarbono calibradas dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira, identificados no texto (*vd.* legenda da Fig. 10) (Seg. Klein *et alii* (1982), período convencional «Libby» (5568 anos), e um intervalo de confiança de 95,46%).

anos BP) e Mamoa 4 de Chã de Parada (ICEN-162: 5470 \pm 45 anos BP e ICEN-169:5420 \pm 40 anos BP), não considerando já um outro grupo de datações muito antigas, obtidas a partir de amostras provenientes das terras do *tumulus*, de difícil interpretação e valorização ⁽¹⁸⁾.

As datações disponíveis, até ao momento, para os monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira, num total de 45 determinações, situam, com segurança, o início da sua utilização como espaço sepulcral na 2.^a metade do 4.^o milénio a.C. (dólmenes simples, de câmara poligonal, provavelmente fechados). Assim, as duas datas da Mamoa de «Monte Maninho», que agora se publicam, e que não estão muito longe das da Mamoa 4 de Chã de Parada (Figs. 10 e 11), bem como as que acima se referem, só poderão ser devidamente valorizadas com a realização de novas análises, a partir de amostras recolhidas em outras áreas do monumento, e num contexto de reflexão mais ampla sobre o conjunto de datações da necrópole e da problemática específica dos monumentos de tipo megalítico.

7. Conservação e restauro

Os trabalhos arqueológicos realizados na Mamoa de «Monte Maninho» foram concluídos com o seu restauro, restituindo ao monumento, tanto quanto possível, o aspecto que apresentava antes da intervenção. Estes trabalhos consistiram no preenchimento das valas de sondagem com terra e o restabelecimento da estrutura pétreia de revestimento superficial ⁽¹⁹⁾.

RESUMO

A escavação da Mamoa de «Monte Maninho», monumento implantado em terreno chão, mas topograficamente não muito relevado, revelou uma solução construtiva semelhante à da generalidade dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira: pequeno *tumulus*, em terra, protegido superficialmente por uma «couraça»

⁽¹⁸⁾ O *tumulus* deste tipo de monumentos é constituído por terras de origem diversa, apresentando-se misturadas (Vide CRUZ, D. J., Escavação de Mamoa do «Monte da Olheira» (Serra da Aboboreira — Baião), *Arqueologia*, 13, Porto, 1986, pp. 125-139). Exceptuando a possibilidade de os construtores, durante a erecção do monumento, terem feito fogueiras sobre estas terras, é impossível definir o contexto dos carvões aí existentes. Só uma série vasta de determinações radiocarbónicas poderá permitir a valorização, probabilística, do subconjunto das mais recentes.

⁽¹⁹⁾ Os trabalhos de restauro tiveram o apoio da Câmara Municipal de Baião, que ao local fizeram deslocar uma máquina, colaboração que nos cabe registar e agradecer.

de pedra miúda, mas reforçada nas áreas periféricas com a colocação de lajes, de maior dimensão, em posição inclinada, no sentido do centro do monumento.

Sensivelmente na sua área central, mas deslocada para SE, situar-se-ia a câmara funerária, de que foi encontrado apenas um esteio, *in situ*, fragmentado, com uma pequena base de pedras, de sustentação exterior, e escoramento interior.

O monumento foi alvo de numerosos remeximentos, que afectaram sobretudo a zona de implatação da câmara; apesar disso, foi possível detectar sob as terras da mamoa o «solo» antigo enterrado, bem visível, particularmente na sanja Este, onde existia uma ligeira depressão no terreno quando da sua construção.

O espólio, ainda que parco, é importante; além de fragmentos de cerâmica de cariz medieval, foram exumados outros, pré-históricos, três dos quais pertencentes, provavelmente, ao mesmo vaso, com decoração campaniforme, segundo o estilo pontilhado geométrico, correspondendo a uma adaptação local de modelos exteriores, e um objecto de adorno (pendente), em variscite.

A ocorrência do mesmo tipo de espólio na Mamoa 1 de Chã de Carvalho, que se situa a cerca de 450 metros para NE, e noutros monumentos da Serra da Aboboreira, implantados nas chãs superiores, enriquecem grandemente a problemática do vaso campaniforme no Norte de Portugal.

No domínio da Paleocologia foram realizadas amostragens de sedimentos e elementos vegetais incarbonizados, procurando-se, deste modo, conhecer a paisagem da região quando da construção do monumento. Publicam-se, neste domínio, os resultados preliminares das análises paleocarpológicas, que apontam, ainda que sob reserva dado o carácter fragmentário da informação disponível, para a existência de um substrato herbáceo importante, não relacionável com práticas agrícolas.

O «solo» antigo enterrado, existente sob o monumento, foi datado pelo processo de Carbono 14 a partir de uma amostra de carvões recolhida no quadrado D7, situando-se na primeira metade do 5.º milénio AC (1.ª metade do 4.º milénio a.C., datas radiocarbono).

SUMMARY

Herewith, are the results of the excavation effected in 1986 at Barrow «Monte Maninho». It concerns a megalithic monument constructed over a plane area and not too well distinct at surface level. Its architectonic characteristic is similar to that of most monuments of this type existing at Serra da Aboboreira, i.e.: a small earthen *tumulus* superficially protected by a layer of small stones and reinforced on its periphery by larger flagstones placed on a slant position.

More or less at the central area, slightly towards south-east, would have been the funerary chamber, where a fragmented support was found *in situ*. This was sustained on the exterior by a small structure of stones and by a beam on the interior.

The monument has been revolved various times which affected, mainly, the implantation of the chamber. However, it was still possible to detect the buried ancient soil on the ground of the *tumulus*, well visible, especially, on the eastern side of the sounding ditch.

The assemblage gathered, although scarce, is of importance: besides fragmented ceramic of medieval type, other pre-historical fragments were exhumed (three of which

may belong to the same vase) with Bell Beaker's type decoration, which indicate a local adaptation of decoration styles from an outside influence. We also found an ornamental object (a pendant) made of variscite stone.

The occurrence of the same type of assemblage found at Barrow 1 of «Chã do Carvalhal», about 450 metres towards NE, as well as at other monuments on the upper planes of Serra da Aboboreira, highlights the problems involving the Bell Beaker's culture on the North of Portugal.

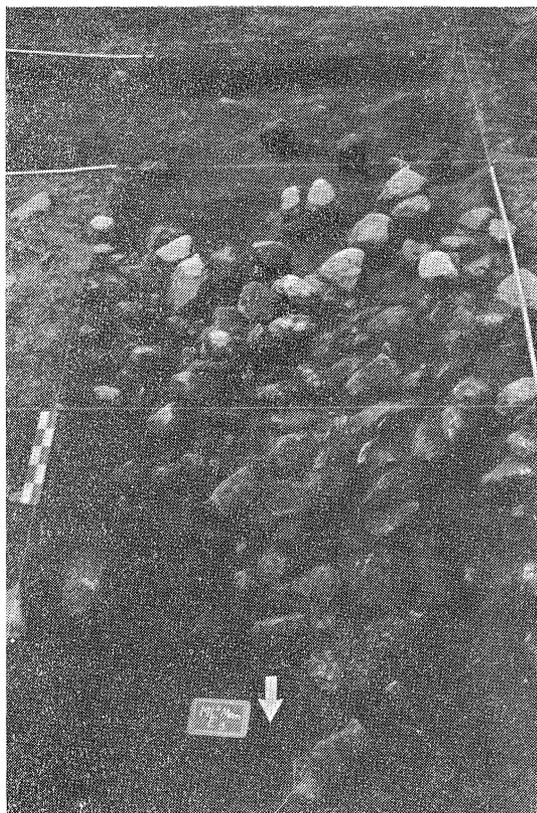
As far as Paleoecology is concerned, various samples were taken of sediments and carbonized elements of vegetation, in order to learn about the region's landscape at the time of the monument's construction. Thus, we are publishing the preliminary results of the paleocarpological studies which indicate (although with some reserve due to the fragmented information available) the existence of a significant herbacious substratum not related to agricultural practice.



1 — Aspecto do monumento antes dos trabalhos (vista tirada de SO, 1982).



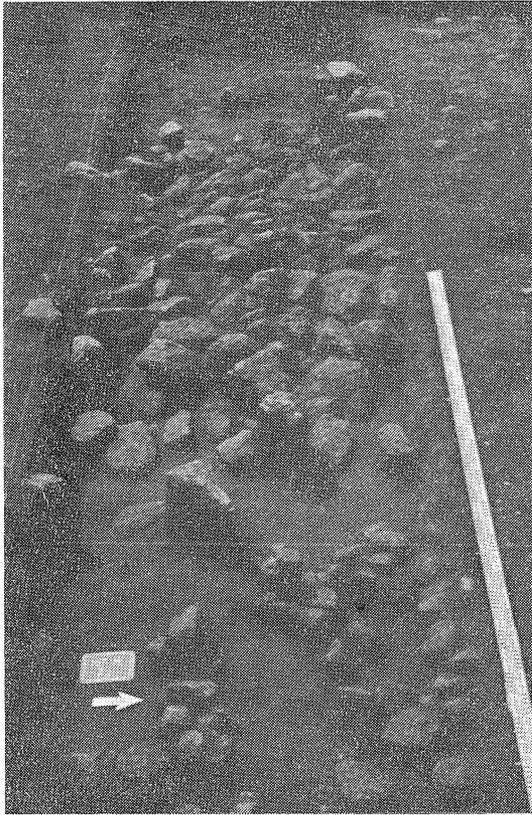
2 — *Idem*, após o corte da vegetação (vista tirada de Oeste).



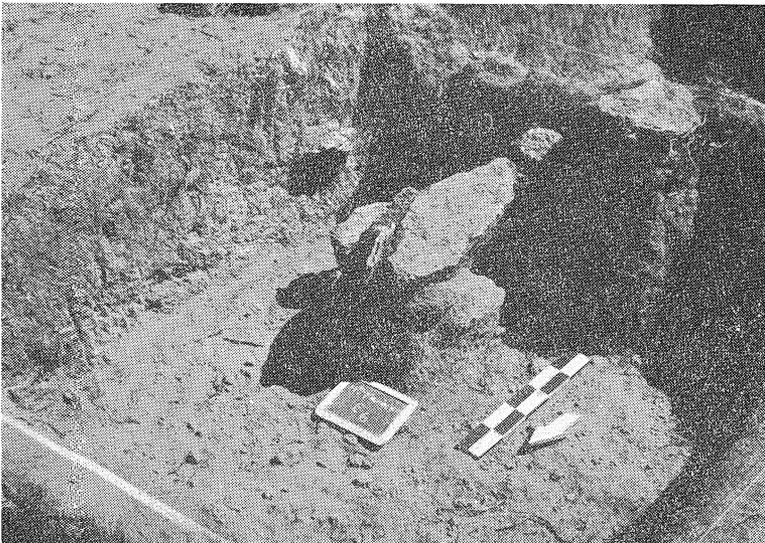
1 — Sanja Norte. Aspecto da estrutura pétreia de revestimento superficial.



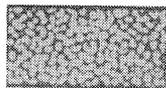
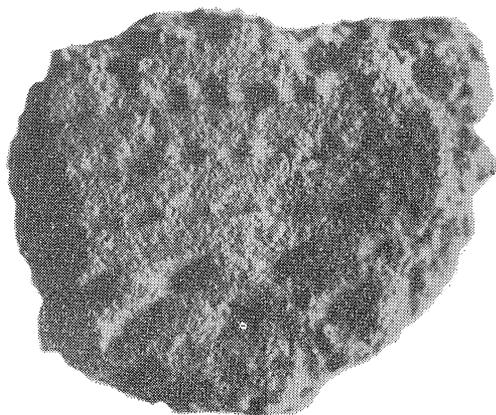
2 — Perfil N-S (parede Este). Pormenor da «couraça» pétreia de cobertura superficial da mamoa.



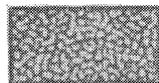
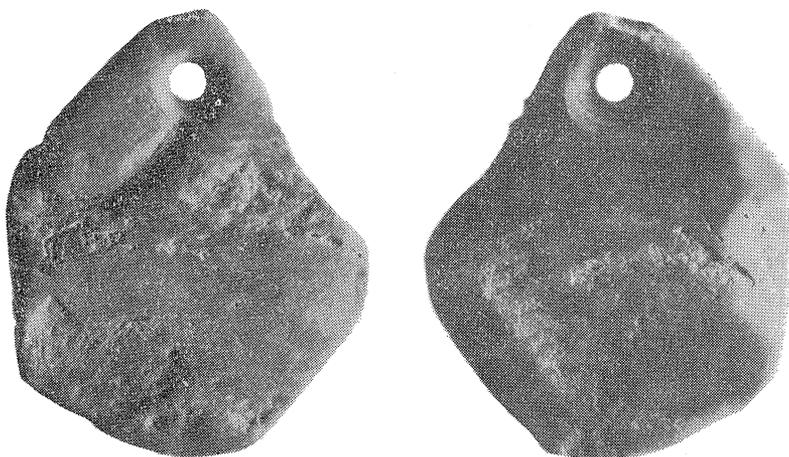
1 — Sanja Este. Aspecto da «couraça» pétrea.



2 — Área da câmara funerária. Esteio, fragmentado, *in situ*.



1 — Fragmento de vaso com decoração campaniforme (n.º 6)
(Foto do Serv. de Iconografia do I.S.C.B.A.S., Porto).
Escala: 1 cm.



2 — Pendente, em variscite (faces anterior e posterior)
(Foto do Serv. de Iconografia do I.S.C.B.A.S., Porto).
Escala: 1 cm.